



Ano III

Florianópolis, Setembro de 1947

N. 7

OLAVO BILAC

Foi inaugurado no dia 7 de Setembro, na Praça Olívio Amorim, o busto do "Príncipe dos Poetas brasileiros".



OLAVO BILAC

O bronze foi patrióticamente adquirido pela classe estudantil de Florianópolis, justa homenagem àquele que tanto incitou a mocidade ao culto do amor à Pátria.

ANIVERSÁRIO

18-9



Do R. P. João A. Rohr S. J. DD.
Diretor do Colégio Catarinense.

"O Colegial" associa-se ao regozijo de todo o Estabelecimento neste dia.

O' Mundo encantador... Tu és medonho

Sentado em minha mesa de estudos, vendo subir em espirais a fumaça de cigarro há pouco jogado no cinzeiro, veio-me de novo a mente, como que jorradada de um manancial de dúvidas, um turbilhão de idéias que não pude que jamais poderei responder ao meu íntimo, enquanto não se decidir, por definitivo, a atual situação da humanidade.

Vez a vez a mim mesmo, em todas as belezas que esta terra nos apresenta, mas alegrias mil e nos prazeres infindos que ela nos oferece. Pouco porém, me demorei nesse extase. Deparou-se, como que ante os meus olhos, o sofrimento, a desgraça, a miséria das vítimas do egoísmo dos homens. Daqueles que, cujos lares devastados e arrasados pelas mortíferas armas criadas pela barbárie humana, se vêm despojados de seus bens, expostos às intempéries da natureza. De pobres órfãos que, perambulando pelas ruínas das cidades, dormindo sobre os restos das casas, chorando a perda dos pais queridos, vivem à cata de migalhas com que possam saciar a fome.

Ao mesmo tempo penalizado e horrorizado, senti que uma força indefinível e sobrenatural, talvez a férrea vontade de bem servir aos meus semelhantes, talvez o último vestígio de bondade, que habita este corpo, levou-me a erguer uma prece ao Criador.

Após minutos de meditação, espelham-se-me, como que concretizadas em linhas fadas, a amizade, a fraternidade, o bem, a justiça e a verdade. Quisera poder descrever a emoção e as idéias que me passaram pela mente; não posso: foram por demais puras para serem retidas por mim, pobre ser humano. Pareciam querer dizer — algo; pareciam reclamar o recolhimento a que a maldade humana há tanto as vem submetendo.

Pouco depois, como se envolvidas por um tufão, quasi instantaneamente desapareceram da minha frente, dando lugar ao crime, à ira, à mentira, ao ódio e à vaidade. Nada poderia ser mais contraditório. Procurei impeli-las para bem longe.

Voltando a mim, coordenando tudo o que vira e sentira, perguntei a mim mesmo: quando, enfim, tomará a humanidade uma dire-

D. JOAQUIM D. DE OLIVEIRA



33º aniversário da posse do Arcebispado de Santa Catarina, por S. Excia. Revma. D. Joaquim Domingues de Oliveira no dia 7-9

* *

"O Colegial" associando-se às felicitações de todos os Diocesanos de maneira especial agradece a S. Excia. Revma. o vivo interesse, tantas vezes manifestado, pelo desenvolvimento literário dos seus jovens colaboradores.

ção definitiva? e qual das duas seguirá?

Siga o caminho do bem, acordando as virtudes e as demais boas qualidades postas por nós de lado, para que possamos repetir a frase que deveria ser a base de toda e qualquer organização social e governamental: Amai ao próximo como a vós mesmos! Siga o cami-

nho até agora tomado e abusado, fazendo ressaltar a perversidade humana e todas as demais paixões dela decorrentes, e veremos ao fim qual verdadeira é a frase do grande Fagundes Varela: O mundo encantador... tu és medonho!

Waldir Campos
3º Cient.

GRÊMIO C. P. SCHRADER

2º Aniversário

Comemorando a passagem do segundo aniversário de fundação, a diretoria do Grêmio Cultural Padre Schrader, fez realizar às 7,30 horas do dia 22 de Agosto uma sessão solene.

Além de grande número de associados, compareceram presidentes de representantes de diversos grêmios congêneros e a muito honrosa pessoa do Sr. Desembargador Henrique Fontes, mais digno presidente do Instituto Histórico-Geográfico de Santa Catarina.

Após a clássica abertura da sessão pelo Reverendo Diretor, Padre Rohr, tomou a palavra o presidente do G. C. P. S., que em breves frases, mais uma vez mostrou a finalidade desta reunião.

Obedecendo ao programa falou Valdir Campos, Vice-Presidente do G. C. P. S., que em belíssimas palavras fez um apêndice geral das atividades do Grêmio Cultural, e fazendo jás a lembrança do grande educador o Padre Schrader.

Em seguida decidiu a srta. Valéria Borges do C. S. T. A., dando uma interpretação e expressão sentimentalista ao poema "Desperta e Vive".

Como última parte desta sessão, atendendo, muito gentil e prontamente, ao convite da diretoria do G. C. P. S., o sr. deputado Dr. Oswaldo Cabral, deitou os presentes com uma palestra sobre os primeiros dias de "Nossa Senhora do Destêrro".

Interessantíssima e instrutiva foi esta palestra, pois pela sábia palavra do Dr. Oswaldo Cabral, foram mostrados ao seletto auditório, os mais interessantes quadros da antiga Destêrro, hoje nossa Florianópolis.

Com seu estilo simples e claro, foi o conferencista ilustrando, não a vida dos grandes homens de nossa antiga capital, mas de seu povo.

Deixou de lado a cronologia dura para entrar em verdadeira conversa com os ouvintes.

Os principais habitantes e suas atividades, etc., foram descritas simples e claramente.

Falou-nos do heroísmo humanitário de Artista Bittencourt, que com os rendimentos da profissão de sapateiro, fazia economias, as quais mais tarde eram empregadas para a libertação dos escravos.

As célebres queixas à Câmara, feitas pelos cidadãos, tais como "a urgência de medidas contra o excesso de cachorros na cidade, e a reclamação do fiscal da Câmara, contra as cabras que pastavam em cima das casas.

O peculiar "água vai", o leilão de terrenos, a cadeia, os atravessadores, foram interessantes tópicos da conferência.

Encerrando sua interessante e sábia palestra passou o Dr. Cabral à explicação e origem dos nomes das ruas de Florianópolis.

Vivamente aplaudido foi pelo auditório o orador. Agradecendo o comparecimento de todos, passou o presidente a palavra ao Reverendo P. Rohr, que deu por encerrada a sessão.

LOUIS PASTEUR

"Contemplando as maravilhas da natureza, chegamos a conhecer o nosso Criador. Também pelo infinitamente pequeno compreendemos a existência de um Ser superior à nós: no microscópio, aprendemos (por vezes) mais religião do que o melhor catecismo e a medida que meus conhecimentos científicos vão aumentando, minha fé também aumenta como a de uma camponesa da Bretanha". Deixemo-lo prosseguir: "Ao primeiro olhar lançado ao Universo, o homem não descobre ali senão variedade, di-

versidade e multiplicidade de fenômenos. Mas se ése olhar é iluminado pela ciência que aproxima de Deus o homem, então a simplicidade e a unidade, brilham por toda a parte".

Assim se expressa o inconfundível "savant", o orgulho de uma civilização em progresso. Quantos homens (cientistas ou não), sentem no seu interior o mesmo que Louis Pasteur sentiu ao pronunciar esta verdade e não o dizem talvez por orgulho ou vergonha. Não pretendo escrever aqui da natureza com seus mistérios indescritíveis ou de Deus com Sua infinita sabedoria, desejo apenas, mostrar-vos o caráter de um homem.

Pasteur nasceu a 27 de Dezembro de 1822, na pequena cidade de Arbois. Já nos bancos escolares o pequeno Louis salientava-se e o seu ideal, quando jovem, era (como dizia) "ser útil à França e à humanidade sofredora", tornando-se um químico; seu pai, filho de família de origem humilde, era curtidor, porém dotado de uma grande força de vontade conseguiu matriculá-lo na Escola Normal de Paris, onde Louis teve como professor o famoso químico Dumas. Com 26 anos de idade após formado, tornou-se professor na afamada Universidade de Strasbourg e em pouco tempo seu nome é respeitado nos círculos científicos; suas experiências auxiliaram muito a química em desenvolvimento naquela época, e com verdadeira convicção afirmava que as doenças eram causadas por minúsculos animais — tal afirmação foi tremendamente criticada e censurada: chamavam-no "caçador de bichinhos". Quem poderia imaginar que esses animais tão pequenos fossem terríveis assassinos, muito mais perigosos e poderosos do que todas as armas de guerra. O telégrafo tinha sido inventado e os dois mundos achavam-se ligados, a locomotiva (a máquina a vapor) percorria as campinas e as cidades do Velho Continente; maravilhosos microscópios eram construídos — mas nenhum cientista preocupava-se com o famoso Spallanzani os micróbios foram esquecidos.

Apesar das críticas recebidas, não desanimava e éle sempre afirmou: — "Não há idéia científica sem oposição". Para os membros da orgulhosa Academia de Medicina de Paris, éle não passava de um intruso que queria meter-se nos altos mistérios da medicina e não sendo éle médico, não estava credenciado para tais declarações:

— "Na água que bebemos há seres vivos, germens portadores de doença e de destruição, um pequeno corte é a porta de uma chaga imensa que nós cava a sepultura; quantas mortes poderiam ser evitadas com maior higiene nos hospitais e com o maior cuidado dispensado aos instrumentos cirúrgicos".

Era difícil de satisfazer aos doutores da medicina e mesmo quando chegou da Universidade de Edinburgo, célebre em toda a Europa, o apêlo às suas maravilhosas teorias sobre os pequenos seres, os cirurgiões não as aceitavam e o descuido e a falta de higiene nos hospitais continuava; milhares de vidas eram perdidas. Por ése tempo terminou a guerra entre a França e a Prússia e tendo sua pátria contraído uma grande dívida, as esperanças voltaram para os rebanhos lanígeros, ainda vivos em todo o país (pois grande parte havia sido destruída pela temida praga entre os criadores — o carbúnculo. Pasteur descobre a vacina contra a praga e a Academia procura ridicularizá-lo, submetendo-o publicamente a uma prova: Seriam vacinados por éle 25 carneiros e juntamente com outros não vacinados, seria injetado o "virus" do carbúnculo nos animais.

CURSO DE DATILOGRAFIA

Com grata satisfação tivemos o prazer de assistir no mês findo à inauguração do "Curso de Dactilografia Colombio", anexo ao Clube Pan-Americano Colombio, sob a direção do incansável Padre Braun.



Os primeiros passos para a fundação do dito curso foram dados em Maio, com valioso auxílio do Dr. Elpidio Barbosa, DD. Diretor do D. E. Educação Feita a inspeção pelo sr. Inspetor escolar Américo Prates, o requerimento de inscrição teve despacho favorável pelo M. D. Secretário de Estado Dr. Armando S. Pereira, em 4 de Junho de 1947.

O curso gratuito destinado aos alunos internos, será no próximo ano franqueado a todos alunos do Colégio Catarinense.

O curso iniciado após as férias com 18 alunos e 6 turnos e três máquinas, em menos de um mês já possui 50 matriculados que apresentaram algumas máquinas num esforço de boa vontade para elevar o nível intelectual da gente de sua terra e como estímulo a outros futuros benfeitores.

Desnecessário seria, pois, falar sobre a importância com que se reveste tal curso, uma vez que não se cincebe o homem moderno viver sem sua máquina de escrever.

No dia marcado para a prova, o local estava cheio, repleto de: curiosos, críticos mundiais, jornalistas e médicos famosos.

Todos formavam aquela multidão imensa que se comprimia ansiosa para saber o resultado da experiência que revolucionaria o mundo. Nunca tantos homens haviam-se preocupado tanto com a vida ou a morte de alguns carneiros; após vários instantes de ansiedade, aproxima-se o solene momento em que o grande cientista chega a dirigir-se automaticamente para o local onde se acham os animais. Aquele momento é de solene expectativa, o povo parece hipnotizado. O silêncio é absoluto. Ao aproximar-se do curral a face de Louis Pasteur reflete a alegria e o triunfo — os carneiros vacinados por éle estão vivos e o povo, como que impellido por uma mola após uma forte pressão ou como se despertasse de um terrível pesadelo, explode em delirantes aplausos, aclamando-o entusiasmadamente.

Ao lado de Pasteur achava-se seu fiel amigo Dr. Roux, que, mais emocionado do que seu mestre, tinha receado pela vida do sábio. — "Não há nada a temer, replicou-se minha demonstração falhasse, o remédio seria fazer outra". Uma vitória amordaçara as críticas

O COLEGIAL

Órgão dos alunos do Colégio Catarinense

Sob a responsabilidade da Direção do Estabelecimento.

Director:

CID GOMES

Gerente:

ALFREDO ZIMMER

Redação: Colégio Catarinense

da mediocridade científica, mas as suas lutas continuavam, tentava agora descobrir a causa da morte de uma pessoa mordida por um cão raivoso e parte de sua vida foi dedicada à descoberta da cura da hidrofobia. Ainda estava no seu coração a chaga feita por um ferro em brasa no corpo de um camponês, em sua alma ainda repercutia aquele espetáculo, o eco do grito de terror era ouvido e parecia sentir-se o cheiro da carne queimada. Talvez levado pelo temor e pela ferida profunda produzida em seu coração quando criança, ou pelo grito angustioso daquele ser humano que sofria, Pasteur decidiu-se ao combate contra a hidrofobia. Em sua casa fazia experiências com cães hidrofóbos, experiências muito perigosas e como era natural, provocava receios por parte de sua esposa. Da Rússia haviam chegado vários camponeses com o temido mal, para serem tratados pelo "homem milagroso de Paris": ontem eram cachorros, hoje seres humanos e as suplicas daqueles homens em um idioma estranho, aumentam a confiança e a força de vontade de salvar aquelas vidas consideradas perdidas. Os comentários dos "boulevardiers" e as tagarelices de café, assanhavam-se contra éle não podia prestar devido ao seu continuo trabalho; não dormia nem comia durante vários dias. Por mais impossível que pareça áquele povo tão incredulo, a vacina havia curado os "mujiks", que voltavam para seus lares cheios de uma alegria infinita, como só éses homens em tais condições poderiam ter, graças ao "caçador de bichinhos". Em suas aldeias, os russos, como era natural, foram recebidos como fantasmas e o Czar de Todas as Rússias, enviou-lhe a Cruz de Diamantes de Sant'Ana, seguida por outras condecorações de outros países.

O choque de seu triunfo talvez tivesse sido demasiado tarde e repentino para um homem como Louis Pasteur, depois de uma carreira de pesquisas de 40 anos. Achando-se doente, retirou-se para sua cidade natal, onde na madrugada de 27 de Setembro de 1895, entregou sua alma ao Criador, como um verdadeiro católico devoto que sempre fora. Sua morte foi um fim suave: Com uma das mãos segurava o Crucifixo e com a outra segurava a mão do maior e mais importante colaborador seu — Madame Pasteur. Não poderia deixar de citar, as suas palavras dirigidas aos jovens estudantes universitários:

— "Não vos deixeis contaminar pelo depredante e carcomido ceticismo. Não vos deixeis desencorajar pela tristeza de certas horas passadas pelo mundo. Vivei na paz serena dos laboratórios e bibliotecas. Interrogai-vos diariamente, a vós mesmos: QUE PRODUIZIU EU PELO MEU PAÍS? Até que chegue o momento em que tenhais a imensa felicidade de pensar que contribuístes de alguma sorte para o progresso e o bem da humanidade.

J. A. Beirão

ESPORTE

A. D. COLEGIAL

Quando se ouviu falar que a A. D. Colegial disputaria o campeonato da primeira divisão neste Ano da Graça de 1947, os "profundos" conhecedores do nosso futebol tiveram uma mesma e única opinião: "A pretensão da rapaziada colegialina estava acima das suas forças e as consequências desta aventura já eram previstas: o Colegial serviria somente de saco de pancadarias e era, por conseguinte um sério à conquista do último posto".

Indiferente à esta opinião, o Colegial lançou-se à luta, com entusiasmo, como uma resposta aos que desafiavam o brio de sua gente.

Apanhou a luva que lhe haviam atirado à face e fez frente com galhardia, a todos os obstáculos que se antepuzeram à sua marcha.

E não foram poucos os obstáculos a transpor, como também não foram poucos os momentos em que se necessitou de muita coragem para sustentar de pé o edifício recém-construído que muitas vezes se achou ameaçado pelo vento da má fé e a tempestade das ilusões.

Viu-se uma pleiade de jovens decididos, encabeçados pela figura entusiasta e esforçada do Pe. Henrique e a mocidade sadia e esportista de Airton R. de Oliveira lutar com denodo e a dedicação daqueles que acreditam num ideal verdadeiro e nobre.

Neste ponto o Colegial já estava apto para disputar o campeonato e achava-se disposto a mostrar aos derrotistas que ele não seria um adversário desprezível para os "grandes" clubes da capital.



Veio finalmente o campeonato e com ele a primeira derrota, derrota esta que veio aumentar o cartel de decepções já adquirido.

Os que haviam profetizado o fracasso da A. D. Colegial, mostraram já um sorriso de vitória, como a dizer: "Não havíamos previsto"?

O Colegial, porém, buscou forças na própria dedicação dos seus adeptos e preparou-se técnica e psicologicamente para a desforra.

O medo do fracasso desapareceu do coração de cada jogador e o que se viu no outro encontro, que travou o Colegial valente e livre de complexos. A reabilitação foi completa, integral! Desde então a trajetória do Colegial no campeonato da F. C. D. tem sido brilhante.

Se houve derrotas houve também vitórias que afirmaram de modo indiscutível o valor dos "meninos de ouro". As maguas passadas, de-

sapareceram. Resta porém, a mesma dedicação apaixonada que cada jogador dedica ao Colegial, abdição esta que faz com que cada um dêles entre em campo, levando além das cores do Clube, o seu escudo gravado no coração. Que sirvas de exemplo aos que vierem depois de ti, bravo e querido Colegial.

Severiano Severino de Sousa

A COVA NEGRA DE CALCUTTÁ

Na sangrenta luta da conquista da Índia, efetuada por Lord Clive, por volta de 1750 a 1780, entre muitos episódios sangrentos, deu-se o seguinte:

Surajah Dowla era então o supremo subbabo ou senhor da Índia, um jovem de 18 anos. Apesar de sua pouca idade, era destituído já do mais mezinho senso de compaixão. Para vingar-se dos brancos seus adversários, atacou com um exército bem adestrado e municiado a fortaleza de Calcuttá, que estava escassamente fortificada.

Durante alguns dias, Drake, o governador do forte, resistiu como pôde. Mas, vendo que a resistência era inútil, deu ordem de abandonar-se o forte. Nem todos os do forte se puderam refugiar nos navios, pois estes já estavam superlotados. Assim, ficaram em terra 145 homens e uma mulher. Estes que permaneceram no forte foram depressa suplantados e subjugados pelas forças de Surajah Dowla.

E enquanto os indianos procuravam um lugar para colocar os prisioneiros ingleses, estes procuravam animar-se, contando anedotas e cantando. Finalmente foi achada uma prisão: era o calabouço destinado aos criminosos, o qual tinha uma área de vinte pés quadrados, tendo duas minúsculas janelas gradeadas que davam para um recinto coberto. Neste minúsculo calabouço foram trancafiados os 146 prisioneiros, que tinham de ficar de pés, para que todos lá dentro coubessem, apertados uns com os outros. Para desgraça dos prisioneiros, a atmosfera, naquela noite, estava carregada e deprimente como só na Índia e os efeitos do calor logo começaram a sentir-se com os chapéus. Tudo porém era em vão. Tentaram então produzir um deslocamento de ar. Todos deviam abaixar-se ao mes-

QUANDO A NATUREZA FALA...

Porque não escutas a minha voz? Ela vem do infinito, onde o sol repousa. Vem dizer-te cousas lindas, por que não a escutas? Ela é suave, eu te afirmo. Traz uma mensagem de fé; escuta-a durante a vida e saberás viver. Para ti que ainda és jovem, aproveita-a bem. Não esqueço os teus tempos passados, oh! ancião. Porque não me ouviste? Não te arrependes? Ainda sobra tempo, pensa bem, eu te aconselho, segue-me. Por que ficas a pensar? Tua vida inda não terminou! Não soubeste viver até os trinta anos. Por que não aproveitaste agora? Já te chamo. Já que não me queres ouvir, porque não me olhas? Não vês que eu sou perfeita? No meu seio não há lutas, não há classes; existe apenas vida.

Falo deste modo, porque assim considero tudo o que existe e que tem o seu tempo em sua determinada forma.

Pensa bem, não é só para ti, digo a todos que me ouvem.

— "Venham compartilhar junto a mim a felicidade que desfruto".

Roberto W. Schmidt
2º Cient.

mo tempo. Dada voz de comando, todos novamente se ergueriam. Abaixaram-se, mas nem todos puderam tornar a levantar-se, devido ao estado de fraqueza em que se encontravam. Estes começaram a gritar e a chorar, clamando entre dores horríveis. Pelas voltas da meia-noite, iam-se dando os primeiros casos de morte, iniciando-se com incrível rapidez a decomposição dos corpos, que espalhavam pelo recinto apertado um insuportável cheiro. Aos clamores de súplicas dos que se sufocavam, juntavam-se os estertores dos moribundos, os desvários dos enlouquecidos. Rompeu, à meia-noite, a luta de todos contra todos, para se apoderarem das janelas, pois os que se achavam no fundo do calabouço não suportavam aquele cheiro terrível e iam-se morrendo uns após outros, asfixiados. Trepavam uns por cima dos outros, atropelaram-se, acotovelaram-se e o número de mortos ia aumentando.

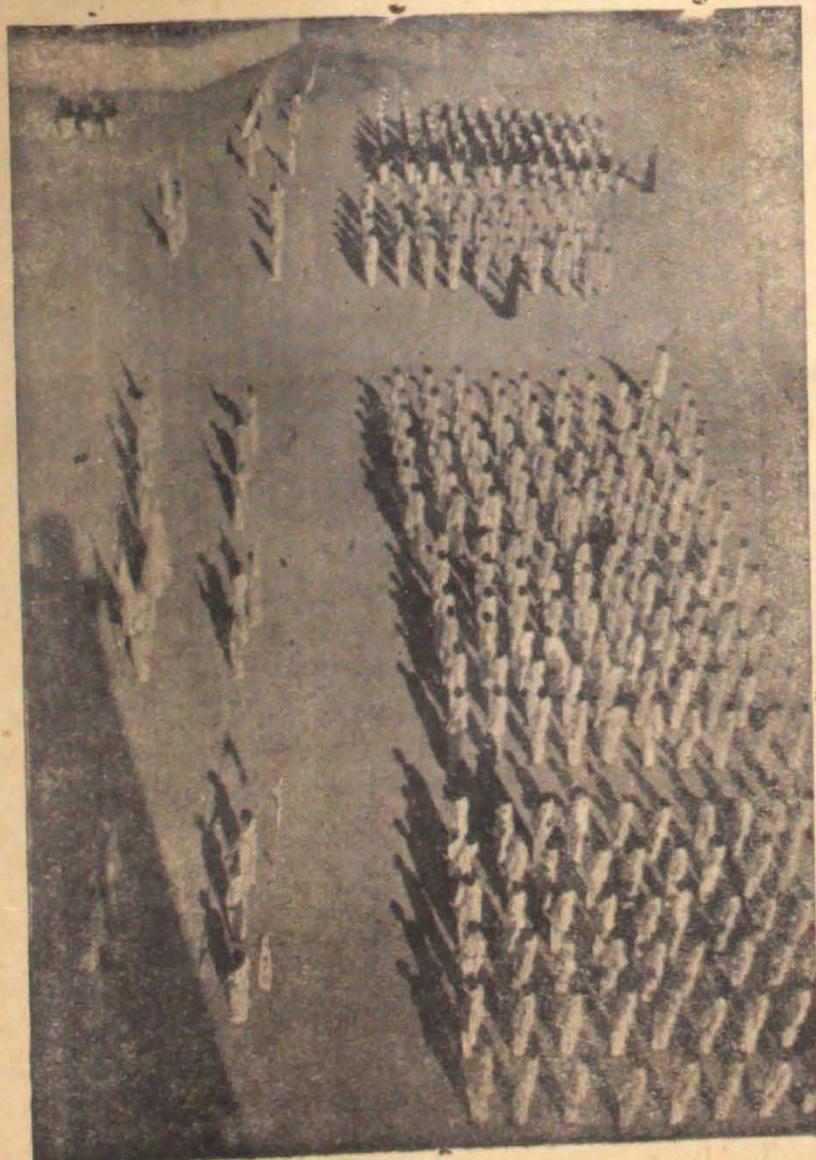
Os guardas indianos, sabendo do conflito entre os prisioneiros, foram para a frente da prisão e começaram a abusar a rir da agonia dos prisioneiros. Pela madrugada, chegou um emissário do governador ou subbabo e mandou que se soltassem os prisioneiros.

Para que os mais pudessem sair da prisão, tinham primeiro de retirar os cadáveres que entulhavam a porta, tarefa que se prolongou por quase uma hora. Enfim, apresentou-se à luz das lanternas a medonha tragicidade de aspecto de apenas 23 fantasmas, só sobreviventes de 146 entrados com vida.

Como diz Pascal: Entre a besta e o anjo colocá-se o homem... e oscilam também os povos e ajuntamentos; às vezes mais anjos celestes, mais bestas silvestres outras vezes.

Angelo Aladino Orefino
4ª Série A

O COLÉGIO EM FORMATURA



(Vista parcial)

Ama com fé e orgulho a terra em que nasceste. - OLAVO BILAC

História das Coisas

V reportagem de uma série

A MÁQUINA DE COSTURA

Falar sobre uma invenção é falar de seu inventor. Bem, mas vamos deixar de lero-lero e entrar no assunto.

Assim como falei no número passado, de "Talkie" e de seu inventor, Fritts, falarei, ou melhor, escreverei hoje sobre a máquina de costura e seu inventor, o francês Bartholemy Thimonnier.

Em 1832, o alfaiate francês Thimonnier, cansado de costurar à mão, transpôs os umbrais do Ministério do Comércio Francês, sobrasando um estranho maquinismo que pretendia patentear, o qual, segundo ele dizia, revolucionaria a arte de coser.

O tal aparelho, em poucas palavras, consistia em uma roda movida por uma correia que era adaptada a um dado de ferro, ao qual era ajustado uma agulha. Tal máquina porém, só podia costurar no "ponto de cadeia", como o chamam as mulheres.

Contrariando a todos os sonhos de todos os inventores que criam e aperfeiçoam seus inventos, Thimonnier, odiava seu trabalho, achando-o enfadonho.

Teve Thimonnier muitos revêzes no caminho do êxito. Ninguém queria auxiliá-lo financeiramente, por não acreditarem no futuro do invento, até que um pequeno capitalista, chamado Beaunier, entusiasmou-se pelo trabalho dele. Logo que pretenderam os dois iniciar a fabricação da máquina de costura, seus colegas de serviço, fazendo as mais absurdas acusações, renegavam o invento, julgando que desvalorizaria o trabalho do alfaiate. Thimonnier tentou, porém, convencer seus colegas, com demonstrações públicas do aparelho. Isto mais os exasperou, ao ponto de quebrarem toda a sua alfaiataria.

Conseguiu porém, escapar ileso, levando consigo um exemplar, com o qual fazia demonstrações ao povo, em toda a França. Costurava pequenas peças de "toilettes", gratuitamente, como dizemos hoje em dia: a título de propaganda.

Tais demonstrações fizeram seu cartaz. Em Villefranche, entre os curiosos que assistiam a uma das demonstrações, estava A. Magnin. Este entrou em entendimento com o inventor para iniciarem a fabricação, o que de fato empreenderam. Mas o preço não era ao alcance de todas as bolsas: cincoenta francos! De modo que começa-

7 DE SETEMBRO

"Independência ou Morte"



Primeira

Bandeira

do Brasil

Independente

25 ANOS ATRAZ



MISSA CAMPAL POR OCASIÃO DO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA

7 — 9 — 1922

ram a esmorecer gradativamente, com a falta de saída do produto.

Mas o espirito comercial de um norte-americano, Walter Hunt, aproveitou a idéia que começava a ser abandonada. Fabricou uma máquina mais simplificada, mais prática e por preço de custo mais baixo. Por sua vez, Elias Houwe dotou esta máquina com uma agulha especial, que dava nós à cos-

tura, em cada oito pontos, além de outras vantagens e comodidades para a costureira. Com o sistema de fabricação em série, por linhas de montagens, cedo Houwe estava milionário, enquanto que Thimonnier morria arruinado em Amplepuis, para onde se retirou, extenuado depois de trinta anos de luta inútil.

Caros colegas! Doravante, quan-

do ouvirdes falar: — "O inventor da máquina de costura, Elias Houwe", não hesitem em apartear quem o disse (salvo se ele for mais forte de que tu, então...), deixando que outros sejam indigitados como detentores de imerecidos louros. O mundo está cheio que de equívocas benemerências, pelas quais os pseudo-inventores, hipocritamente, agradecem as palmas que se lhes atiram. Desviam, envergonhados, revelar aos olhos do mundo, os verdadeiros inventores, os verdadeiros construtores do nosso mundo.

José Antônio de Sousa Neto
1º Científico

POEMA

Cornetas! Tambores!
Tambores e cornetas!
Sons surdos;
Sons estridentes,
Ecoando pelo azul,
Pelos verdes mares,
Pelos florestas verdes

Cornetas! Tambores!
Tambores e Cornetas!
Sons surdos, estridentes,
Elevando-se às estrelas!

Cornetas! Tambores!
Tambores e Cornetas
De sons surdos, estridentes,
Rasgando a terra,
Misturando-se ao ouro da terra!

Os corações são tambores!
As bocas são cornetas!
Os sons surdos,
Os estridentes sons
Não ecoam pelo azul,
Não conhecem mares verdes,
Não conhecem florestas verdes!

Os corações são tambores!
As bocas são cornetas!
Não rasgam a terra!
Da terra, não arrebatam o ouro!

Bocas! Cornetas!
Tambores! Corações!
Cornetas! Bocas!
Corações! Tambores!

Anibal Nunes Pires

HORA SAGRADA

"A frouxa luz diurna que preside
As fadigas do homem sobre a terra".

DANTE.

O minuano cessou,
Mas alguém que não se viu,
O firmamento pintou.
Mão estranha carregou
Quem nos protege do frio.

Pelo céu que se decerra
Há tais matizes de cores
Que a gente diz e não era:
— No inverno fogem da terra
Para o céu todas as flôres! —

O campo vai se apagando
Em sombras, leves, serenas.
As aves do mato, em bando,
Passam no alto, cantando,
Em movimentos de penas.

Tudo vem se aproximando
Da fazenda e com deleite.
Carretas vêm rechinando,
Ovelhas, lerdas, balando,
Mugindo, vacas de leite.

A várzea se movimenta,
Porém com tanto respeito
Que nos parece agourenta.
É a fé que sacramenta,
Dando um deus a cada peito.

Não roda mais a moenda,
Nem trabalha o engenho velho...
Lá pelo céu se desvenda,
Dentro de nuvem de renda,
Qualquer lição do Evangelho...

"NA FAZENDA".

ANTENOR MORAES